

O papel do Estado e o lugar do planejamento¹



The role of the State and the place of planning

Carlos Lessa

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Boa noite a todos. Esse convite para mim tem muito valor. Comecei minha vida profissional no Centro de Desenvolvimento Econômico do BNDE, que foi quem lançou no Brasil de forma profunda a idéia que na ocasião chamava-se programação econômica, para evitar a palavra planejamento, que teria um cunho ideológico socialista. Eu pensei numa palestra, mas na medida em que captei, pelas intervenções da mesa, as angústias que os assaltam, vou querer ser sócio dessas angústias também.

Eu queria restabelecer alguns fundamentos da presença do Estado na economia. Vou começar me referindo a duas revoluções: a francesa e a inglesa. A revolução francesa estabeleceu o conceito de nação como a síntese de um território novo. E ao mesmo tempo fez com que o processo político deixasse de estar associado a uma linha dinástica e passasse a se concentrar na soberania do povo nacional sobre o território da nação. Foi um enorme avanço em relação ao passado. Ao mesmo tempo, a primeira revolução industrial se engendrava na Inglaterra. E a Inglaterra, tendo se convertido em epicentro do mundo pela primeira revolução industrial, construiu uma proposta interpretativa de organização econômica mundial que supria admiravelmente bem aos ingleses. Os que têm formação em economia sabem que a teoria das vantagens comparativas de Ricardo justifica de maneira admirável que a Inglaterra se especializasse em produção de manufatura e o resto do mundo se especializasse na produção de matéria-prima e alimentos. A Inglaterra, dominando todas as tecnologias de ponta, a navegação mundial e a circulação das mercadorias, difundiu a idéia de que o mercado organizaria corretamente as trocas internacionais. Isso permitiu que da economia política inglesa se derivasse uma coisa chamada análise econômica, que é uma

¹ Transcrição resumida da Conferência de Abertura do I Seminário da Associação Nacional dos Servidores da Carreira de Planejamento e Orçamento, *Estado, Planejamento e Desenvolvimento*, realizado em Brasília nos dias 9, 10 e 11 de junho de 2010.

caricatura da reflexão sobre economia. Da análise econômica se procurou chegar a um conceito abstrato de síntese: a idéia de mercado. O mercado é uma derivação da primeira proposta de organização econômica mundial resultante da hegemonia inglesa.

A idéia de mercado se contrapõe à idéia de nação. Porque a idéia de nação estabelecia em torno do poder soberano da nação a existência de três instrumentos. Um deles vinha do passado que era o dinheiro. Então, era importante que uma nação colocasse a sua cara na moeda. O segundo instrumento era o poder de aplicar impostos. O poder de extrair um pedaço da renda gerada naquela nação. E o terceiro instrumento era a centralização das funções de defesa nacional e das funções de administração da justiça. Eu diria a vocês que o saldo tal como emana da revolução francesa tem essas três peças, como constituintes do seu núcleo. E esta figura sintetiza tudo isso numa entidade que os juristas denominam de Estado. De um lado temos o Estado-nação, de outro lado temos o mercado. Imediatamente se dá o conflito com a idéia de nação, pois todas aquelas economias que não haviam sido industrializadas procuraram reproduzir o fenômeno inglês. Isso aconteceu na França, na Alemanha, na Rússia pré-revolução socialista. Aconteceu em alguns países da Europa meridional e no Japão. E teve um espaço especial que foi no novo mundo: os EUA. Nenhum deles acatou a economia política inglesa. Todos fizeram discursos nacionais.

No caso da Alemanha a proposta foi explícita e recebe o nome de economia nacional. Na França, Napoleão III coloca em prática uma coisa que já tinha sido anunciada por Napoleão I: o ensino obrigatório universal gratuito. O ideal do mestre é que o discípulo o supere. E o ideal de um foco social é que cada geração seja melhor preparada que a anterior. Enquanto isso, a Inglaterra pragmaticamente desenvolve a noção de serviço público: pessoas permanentemente preocupadas com o Estado. Simplificando: a noção de serviço público é inglesa, a noção de educação pública universal e gratuita é francesa e a noção de Estado é alemã. Nos EUA, o primeiro manifesto pró-industrialização foi escrito por Alexander Hamilton, que é um dos fundadores da pátria americana. A idéia de finanças industrializantes é uma idéia que foi formulada por Jefferson. Mas há um dado interessante: cada país que logrou se industrializar adotou rapidamente a visão ideológica que emana da economia política inglesa.

Eu não vou ficar semeando informações históricas, pois o tempo é curto. O que eu quero é fazer renascer a seguinte idéia: todo país que procura alcançar uma posição central, em dado momento pensa a economia nacional. Quem tratou disso com absoluta precisão foi um romeno [Mihail Ma-noilescu] que formulou o argumento da indústria nascente. Qual é o argumento? Uma indústria quando nasce é uma planta muito frágil. Se ela não for amparada não consegue se desenvolver. É como uma árvore, que a muda pequena tem que ser protegida para se tornar um arbusto resistente. O argumento de indústria nascente é um argumento que posteriormente foi amplificado para sistema industrial nascente.

Eu poderia listar aqui dezenas de eventos, mas eu quero chamar a atenção de vocês de uma coisa absolutamente elementar: as economias organizadas a partir do chamado regime capitalista vivem uma espécie de esquizofrenia permanente. Como vocês sabem, qualquer fração de capital, seja ela grande ou pequena, no setor comercial, agrícola, industrial ou serviços, residente no país ou no exterior, tem um pequeno problema. Todos os anos ela tem que ter lucro. Se não tiver lucro o valor do capital se esfumaça. Então, o primeiro problema de qualquer capital é obter lucro. Mas no momento em que obtém lucro vem o segundo problema: o que fazer com o lucro? O uso virtuoso seria utilizar esse lucro para desenvolver suas forças produtivas, para melhorar a qualidade das coisas oferecidas, para ampliar a incorporação da população aos benefícios da modernidade tecnológica. Mas o comportamento do empresário regulado por si só o leva com frequência ao abismo. Quando o abismo está se aproximando ele pede: – Vem Estado. Quando está seguro ele volta a falar de que? – Voltou a normalidade, nos deixe sozinhos que encontraremos o melhor caminho.

A maior parte de vocês já andou de bicicleta. Sabem perfeitamente que uma bicicleta se mantém em movimento e o movimento da bicicleta é fundamental para o equilíbrio do ciclista. Condições de normalidade exigem crescimento. Se a taxa de crescimento é afetada pelo espírito animal, pode dar o quê? Essa última crise é especificamente um comportamento de manada. Aliás, basta acompanhar o índice da bolsa de valores de São Paulo para se ver o que é manada. Eu estou colocando isso para dizer que muito rapidamente o debate sobre economia entendeu que o Estado teria que ter responsabilidade não apenas de verificar se as regras do jogo estavam sendo respeitadas, mas ser ele mesmo o elemento que compensaria essas fases de instabilidade que a economia gera. Ao mesmo tempo foi sendo percebido com absoluta clareza que todo e qualquer investimento produtivo gera as chamadas externalidades. O que são externalidades? São os benefícios ou malefícios que determinado investimento produziu. Normalmente o empresário toma decisão em função do que a empresa gera como potencialidade de lucro. Espera-se que a decisão dele seja essa. As externalidades, positivas ou negativas, ele não as computa. Porém, existem determinados investimentos que pelas suas características criam as bases para a decisão do investimento privado: estradas, geração de oferta de energia, disponibilidade de água e por aí vai. Nem todos os investimentos têm a mesma hierarquia. Se, por exemplo, os investimentos que geram externalidades forem minguidos, ou não acontecerem, geram apagão. Vamos falar a linguagem brasileira. O que é o apagão? O apagão é um subdimensionamento de algo que é necessário para gerar externalidades. Por exemplo, não manter a rede rodoviária prejudica o tráfego, eleva o custo do frete e reduz o poder de compra das pessoas. Pior que isso, provoca acidentes. O Brasil tem 3 vezes mais acidentes com veículo automotor que o Japão. Isso implica em mortes e sobrecarga na rede hospitalar. O pessoal da área de transporte me disse que com 5 bilhões de reais por ano é possível manter a rede federal. Só que esse número não tem sido cumprido nos últimos anos. Então o sistema rodoviário federal é hoje um sistema de baixa qualidade. Da mesma maneira que a privatização da energia elétrica implodiu o sistema que funcionava e não colocou nada no lugar. O Brasil que tinha a mais baixa tarifa de energia elétrica do planeta passou a ter uma das mais altas. A lucratividade das empresas concessionárias de energia elétrica no Brasil é recorde mundial:

20% ao ano. Não tem nenhuma empresa de distribuição de energia elétrica no planeta que ganhe tanto. Só que os investimentos em instalação de hidroeletricidade foram postergados. Já deu o apagão no período do FHC. Há um apagão hoje sob a forma de redução da iluminação pública. Basta ver o que acontece em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro: vão ficar assustados como está degradado o sistema de iluminação pública. E sem falar das seqüências de interrupções e queda de freqüência que acontece para todo e qualquer consumidor.

E o horror que são as agências reguladoras? As agências reguladoras administram os interesses privados ligados ao setor. É um estigma da desorganização completa da decisão pública. Nós implodimos no Brasil um sistema que garantia planejamento a longo prazo: a base de fundos. Fundo rodoviário nacional. Fundo da eletricidade. Fundo isso e aquilo. Dirão vocês: é ruim vincular recursos a médio prazo. Mas isso permite planejamento setorial de médio e longo prazo. Você implodiu isso e não colocou nada no lugar. Colocou a Secretaria do Tesouro controlando o fluxo de caixa. O contingenciamento arrebatando o esforço de condução orçamentária. Vamos falar do caos institucional de que padece o Brasil hoje. Nós já temos 50 e tantas emendas constitucionais. Eu não sei qual é a Constituição brasileira hoje. Eu não sei e a maior parte dos juristas não sabe. Eles falam de um apagão institucional. Desculpe-me eu estar falando isso, mas tem o apagão fiscal. O orçamento do Brasil pertence ao território da ficção. Se você deixa a Secretaria do Tesouro administrar o fluxo de caixa é muito mais importante o sorriso do Secretário do Tesouro do que o esforço do planejamento prévio. Quem faz o planejamento do Brasil é o Secretário do Tesouro administrando o fluxo de caixa. O resto é ficção.

Só que o Secretário do Tesouro não tem nenhuma importância em relação ao presidente do Banco Central. Eu acho que os senhores formam um dos setores de burocracia mais relevantes do país. Não estou puxando o saco de vocês. Militares, diplomatas, juristas e gestores do orçamento público *latu sensu*, projetistas do gasto público, são centrais para o futuro. Só que a nação brasileira foi despojada de um monte de instrumentos. Vocês sabiam que a logística no Brasil gasta 12% do PIB e que os EUA, que não é um paraíso logístico, gastam 8,9% do PIB? Foi desmantelado todo o sistema de planejamento do Brasil porque dissolveram as equipes de planejamento setorial do país. O presidente Meirelles me pediu para fazer um levantamento de projetos importantes. Eu trabalhei 3 meses com mais 50 pessoas, percorri todas as gavetas existentes por aí. E cheguei ao óbvio ululante: 90% do que eu relacionei é do PAC. Só que o PAC só foi executado até agora 47%. E o PAC não pensa o futuro, coloca projetos que o Brasil já deveria ter feito há muito tempo. Por que nós temos problemas de energia elétrica? Porque Belo Monte e Madeira estão bloqueados por uma porção de coisinhas, inclusive essa bobagem ecológica que está aí. Eu nunca consigo entender porque eles são contra a represa hidrelétrica. Não há intervenção mais amorosa do ponto de micro climático, do ponto de vista de navegabilidade, do ponto de vista de uniformidade de energia e energia limpa, segura e renovável da hidroeletricidade. Não há nada pior que termoeletricidade. O Nordeste está crescendo bem. Mas tem 62 termoeletricas em construção no Nordeste.

Quando a usina de Tucuruí deveria ter tido um eixo de distribuição para o Nordeste e Belo Monte já deveria há muito tempo ter sido construída.

Eu acho que os senhores são portadores do futuro. A carreira fundamental para esse país se estruturar de novo, com soberania nacional. Mas a taxa de investimento brasileiro, que no passado era de 22 a 24% do PIB, agora é 18%. O crescimento brasileiro é rastejante. Tem vôos de galinha. Há 25 anos está cheio de pulo de galinha, mas não tem trajetória ascendente. E nós estamos nessa euforia delirante, falando em crescimento chinês. Nós estamos num alegre festival de auto-elogio, mas não estamos discutindo o futuro. Vocês aqui são homens de finanças, orçamento, tabelas e tributação. Não são exatamente da receita, mas dependem dela para poder ter autorização para trabalhar. Só que vocês são todos subordinados a um Presidente da República chamado Meirelles. Porque o Banco Central controla o instrumento central da vida econômica que é a moeda. O que controla o Brasil é a moeda, a taxa de câmbio e a taxa de juros. Que associou a taxa de juros à taxa de câmbio para controlar a inflação, mantendo o real valorizado em relação ao dólar.

No mundo a moeda que mais valorizou depois da crise foi o real. Quem não valorizou foram os chineses que são espertos. Sabe o que significa? Que exportamos menos e importamos mais. Aí o doutor Meirelles fala de aquecimento de economia. Empurra o juro para cima. E aí outro contingenciamento vocês vão pegar. Porque a prioridade absoluta dada é o pagamento dos juros da dívida.

Alguém falou aqui da pobreza brasileira. Eu vou falar dela porque a constituinte de 88 foi absolutamente avançada e moderna nesse capítulo. Criou-se uma teoria chamada orçamento de seguridade social, que era a mais importante inovação criada a nível de planejamento na Carta de 88. Seria um orçamento que unificaria três itens fundamentais. A previdência social, ou seja, todo brasileiro tem direito ao encerrar a sua vida laborativa a ter uma licença digna. Englobava todo o gasto com saúde. A saúde é um compromisso do Estado e um direito do cidadão. E diz o seguinte: nesse país ninguém mais morrerá por estar em situação de alta fragilidade. Então, estabeleceu a pensão vitalícia permanente para os portadores de deficiência, para o não contribuinte da previdência. O constituinte de 88 imaginou essa seguridade não por neologismo. Imaginou um orçamento que era o inverso do fiscal. No fiscal começa com uma projeção de receita. Se você mexer nela, você está prometendo um orçamento inexorável. Em tese você gasta em função do que foi autorizado a arrecadar. Se gastar mais tem déficit. Se gastar menos tem superávit. Para isso existe a dívida pública como instrumento que vem equalizando plurianualmente a execução do orçamento. Esse é o fiscal. Mas o constituinte de 88 disse que nenhuma velhinha que não teve contribuição morrerá de fome, pois vai ter uma pensão mínima. O constituinte disse que nós brasileiros não deixaremos nenhum portador de deficiência morrer de fome. Nós dissemos que, no limite de nossa capacidade técnica, poderemos afastar os fantasmas da doença e da morte prematura. Nós brasileiros decidimos que essas são as prioridades. O orçamento de seguridade não pode ter déficit. Ele fixa compromissos e o fiscal fica subordinado a cobrir os compromissos.

O constituinte criou as contribuições. Contribuição não é imposto. Para quê? Para acabar com a participação dos estados e municípios. Depois juntou tudo num caixa único. Então, todo mundo fala em déficit da previdência. A previdência não tem déficit. Existe um furto de recurso de orçamento de seguridade feito pelo orçamento, que nem é o de vocês. Na verdade, é o Secretário do Tesouro com o caixa único que controla. Vocês têm que suar a camisa, discutir muito e colocar esse assunto em debate nacional.

Historicamente o Estado é fundamental para a construção do futuro. Para que o futuro não esteja sujeito ao espírito animal, o Estado dos países centrais tem que pelo menos segurar as pontas. Ou seja, quando tem excesso de atividade, freia. Quando tem falta de atividade, estimula. E vai mantendo a bicicleta em funcionamento. Porém, para países que não têm base industrial só tem um jeito. Projeto nacional. Mas o projeto nacional não está em acordo com a economia global. O projeto nacional é uma afirmação do que o país quer ser a longo prazo. Qual é o projeto nacional brasileiro? Eu não sei qual é exatamente. Pelo que eu saiba é se integrar no mundo globalizado. Mas o mundo globalizado está demonstrando como o espírito animal pode produzir desordem nos países do primeiro mundo. Então, o Brasil devia estar construindo salvaguardas. Ao invés disso, nós estamos na globalização. Não há projeto nacional brasileiro.

Não interessa ao Brasil voltar à república velha quando nós exportávamos commodities. Não interessa ao Brasil crescer exportando soja, carne e petróleo. Interessa ao Brasil aumentar a disponibilidade de energia para o brasileiro. Nós só temos 1.06 de toneladas de petróleo por brasileiro, quando a média mundial é 1.16 e a média do primeiro mundo é 4. Aumentando a disponibilidade de energia, nós vamos qualificando o trabalho do brasileiro. O Brasil tem uma seqüência impressionante e óbvia de necessidades. O Brasil precisa de mais e melhores alimentos, mais água, mais energia, mais habitações. Não é nada difícil traçar o panorama de aspirações dos brasileiros. Nós não queremos ser potência mundial nem queremos disputar hegemonias em nível mundial. Nós só queremos, como diz o garoto da favela, ser feliz na favela onde eu nasci. O brasileiro quer ser feliz no Brasil. O Brasil tem recurso para isso. O Brasil não aproveitou a metade do seu potencial hidrelétrico. Tem a bacia de Campos e o pré-sal que vem aí resolvendo a questão do combustível não renovável. Nós temos terras com sol e água e quase não temos desertos. O Brasil tem tudo para atender corretamente os seus integrantes.

O projeto do Brasil é fazer o que o Meirelles quer? Aumentar a taxa de juros para frear o crescimento da economia a título de desaquecimento. O Meirelles deve estar perdendo noite de sono, porque houve essa recuperação de 9%. Mas ele fala que a inflação pode voltar e de novo eleva a taxa de juros. Pára o Brasil de novo e puxa capital de fora. E puxando capital de fora ele segura a taxa de câmbio. É só isso que é feito nesse país. Qual é o projeto nacional brasileiro? É fazer com que Bradesco e Itaú sejam os bancos mais lucrativos do planeta. Em números reais os bancos cresceram durante o período FHC 11% ao ano. Durante o período Lula foram 14% ao ano. Duas coisas que crescem aqui aceleradamente são o lucro dos bancos comerciais e a frota de automó-

vel que dobrou em 10 anos. Eu chamo de crescimento Casas Bahia, porque é assim: a família se endivida. E a dívida que é exatamente aonde o setor bancário pode se expandir e gerar aplicações mais notáveis. E o que o setor privado faz? O juro está muito alto. A dívida para frente é como o empresário que sabe que o orçamento está sujeito a contingenciamento vai tomar a decisão de investir em qualquer coisa para servir o setor público. É temerário. Ou não?

O que é um projeto nacional? É a definição com clareza de qual é o país que nós estamos dispostos a nos esforçar por ter. Essa pergunta ainda não foi feita em nenhuma das sucessões presidenciais que eu acompanhei. Ah! A educação. Eu até aceito. Eu sou professor e dou muita importância a isso. Mas a educação não gera emprego. Educação é compatível com desemprego e com exportação de mentes qualificadas para o exterior. Aliás, em 2008, 140 mil jovens brasileiros com cursos universitários concluídos ou inconclusos migraram para o exterior. O Brasil virou exportador de mão-de-obra. Nós éramos importadores e passamos a exportar. É terrível. Agora voltaram 300 mil mais ou menos por conta da crise mundial. Mas o Itamaraty calcula em mais de 3 milhões os brasileiros que estão fora. Melhora a qualificação do brasileiro e não se faz investimento para gerar emprego. Eles se exportam. O doutor Meirelles mantendo a taxa de câmbio valorizada faz com que as remessas para as famílias míngüem. Então, eles estão retornando porque não está dando para sustentar a família com o que mandam de fora.

O planejamento, o orçamento, começa por responder a seguinte pergunta: qual é o Brasil que nós estamos perseguindo? É para ser uma economia exportadora de carne, soja, minério de ferro, petróleo? É isso que queremos ser? Uma república velha sofisticada? A república velha exportava café. Agora tem muito mais coisas. Mas com a mesma postura da economia cafeeira, com uma diferença, a semente do café era produzida pelo Instituto Agrônomo de Campinas. A empresa ferroviária transportadora era uma ferrovia paulista. Ou do estado ou dos cafeicultores paulistas. O porto de Santos era administrado por uma empresa nacional com ações cotadas na bolsa de valores do Rio de Janeiro. Os exportadores de café eram nacionais.

Vejamos a soja. O fertilizante que era nacional foi privatizado, agora é estrangeiro e tem um monopólio controlando o tratamento de fertilizantes. Máquinas. Nós não fabricamos máquinas agrícolas. Exportadora só tem uma grande firma brasileira. É melhor exportar óleo e farelo de soja. E não o grão. Mas o que é melhor: exportar o farelo ou usar para engordar boi? É melhor engordar o boi e mandar a carne processada. É melhor exportar couro de vaca cru ou exportar couro transformado em calçado? Qual é a proposta brasileira de ampliação de presença no comércio exterior? É vendendo soja, minério de ferro? O nosso principal comprador hoje de minério de ferro é a China. A China tem muito carvão metalúrgico. Sabe o que os chineses fizeram? Assinaram contrato de fornecimento a longo prazo com a siderurgia chinesa usando a mineração de carvão chinesa. Depois contingenciaram as exportações de carvão metalúrgico e empurraram o preço para cima. Com o minério de ferro da Vale do Rio Doce e o carvão chinês está enricando aço na Argentina. Expulsando o aço que a Usiminas vendia para Argentina. E a Vale compra 3 mil vagões na China.

Comunicação

Sabe como os chineses compraram aviões da Embraer? Exigiram que a Embraer pusesse na China uma planta para produzir metais para os aviões. Nós compramos 3 mil vagões ferroviários pela Vale e nenhum colocado pela Vale para encomenda dentro do Brasil. Mas estamos deixando todos os grupos internacionais comprarem minérios de ferro. Então a Vale vai enfrentar problemas sérios. A saída para ela é virar uma mineradora em escala mundial. Ela compra minas de níquel no Canadá, não explora o níquel do grande Carajás. O que interessa ao brasileiro humilde? Que a Vale do Rio Doce vire grande mineradora internacional. Interessa que desenvolva a província de Carajás, a província que está sendo entregue aos lanomâmis.

Mas a Vale tem maioria de ações em mão do Estado brasileiro. Um pedaço pertence a PREVI e outro pedaço pertence ao BNDES. Por que a Vale continua administrada pelo Bradesco? Doutor Meirelles deve saber a resposta. Qual é o projeto que nós temos? É nos integrar num mundo em crise? Pegar pela frente um comportamento animal do capitalismo? Ou construir uma sociedade que atenda as aspirações dos brasileiros que não são assim tão incômodas nem exageradas? Comer melhor, morar melhor, ter uma escola que funcione. Aliás, em 2008, 31 países do mundo fizeram um teste com grupos etários de estudantes de 12 a 14 anos. Aplicaram um texto para ser interpretado, um texto simples e as 4 operações elementares de matemática. O Brasil ficou 31º. A pior posição mundial.

Eu me sinto muito em casa conversando com vocês, porque as angústias que vocês vivem hoje são angústias que nós tivemos no passado, quando a gente olhava o Estado brasileiro. O Estado brasileiro era uma coisa muito complicada. Por exemplo, como as burocracias têm fidelidades verticais, cada ministério cuida de si e têm órgãos que tratam de todos os assuntos. Você chegava a ter Ministério do Desenvolvimento Urbano com programas de estradas vicinais que é o equipamento menos urbano por definição. Porém, nós tínhamos algumas coisas mais ou menos organizadas. Controlávamos o câmbio, tínhamos um sistema bancário muito forte. E porque não foi privatizado permitiu ao Brasil sair dessa crise com relativa facilidade. Se não fosse o Banco do Brasil e o BNDES nós não tínhamos tido os 9% de crescimento. Se não fosse o Estado nacional brasileiro esses 9% que estão sendo festejados não teriam acontecido. Na verdade o que os bancos públicos fizeram foi o inverso do que os privados fizeram. Felizmente o Presidente Lula demitiu o presidente do Banco do Brasil que estava sendo responsável por expandir as operações. E corretamente. Foi o que sobrou do aparelho de Estado brasileiro que nos tirou dessa crise. Mas não é suficiente. Eu acho que especialistas em planejamento e orçamento devem em primeiro lugar pensar Brasil e pensar qual é o Brasil que sonham e querem para o futuro. E a partir daí discutir se as instituições do setor público e instrumentos de atuação do Estado estão adequados ou não. Eu sou favorável que o orçamento de seguridade social seja efetivamente implantado e as contribuições sobre transações financeiras e a contribuição social sobre o lucro das empresas passem para o interior do orçamento de seguridade social. Eu acho que o superávit primário tem que ser reduzido. Acho

um absurdo o Brasil não tributar prestações estrangeiras em dívida pública brasileira. O doutor Meirelles pode até fazer crescer as reservas internacionais. Só que nós aplicamos nossa reserva em títulos do tesouro norte-americano que rendem menos de 1% ao ano e pagamos a taxa básica Selic que o doutor Meirelles fixa. Só esse item é maior do que o contingenciamento desse ano.

Então, por favor, na medida em que vocês têm entidade de direito privado onde podem se reunir e discutir essas questões, vocês vão fundo. Abram a discussão com clareza. Quem é que quer globalização e quem não quer. Quem acha que o aparelho de Estado tem que ser mais robustecido, quem acha que a inflação de energia elétrica está errada no país. Vamos começar a fazer a divisão pelos temas relevantes. Porque é necessário que haja debate no país. Os temas fundamentais para o futuro não estão sendo discutidos. A manchete hoje era o crescimento chinês no Brasil: 9%. A China no ano passado em plena crise mundial cresceu quase 8%. A China está fazendo um programa de infra-estrutura colossal. Nós estamos fazendo o PAC aos trancos e barrancos, 47% de execução. Qual é o gestor público que vai preparar concorrência se não sabe se vai poder lançá-la? Aí ele passa por incompetente porque não consegue gastar.

O Brasil é um país que tem enorme potencial de futuro. O nosso presente é um presente que nós não sabemos exatamente onde estamos. Nós não temos uma discussão sólida sobre os nossos limites. Nós estamos achando que as coisas podem ser tratadas a nível de manchetes. A manchete de jornal é um jogo de disfunção do debate. Vou dar um exemplo: há menos de um mês o Haiti foi atingido por um terremoto. Morreram 230 mil pessoas. Durante uma semana a mídia do mundo inteiro mostrou coisas terríveis. Na semana seguinte houve o terremoto no Chile. Saiu de palco o terremoto haitiano, entrou o chileno que deu 700 e tantas mortes. Depois veio um terremoto na China. Por que o homem comum lê a manchete, lê a outra e chega a conclusão que o mundo está sujeito a terremotos. Ele naturaliza o terremoto. Ele não se perguntou por que no Haiti morreram 230 mil pessoas. Por que as doações não conseguem chegar às pessoas do Haiti? Porque não existem estradas haitianas. Se quiserem um exemplo liberal, perguntem o que a economia de mercado fez no Haiti. Nada. Mas os americanos mandaram tropas para lá imediatamente. Para haitianos não migrarem para os EUA. O Japão está dando 5 mil dólares para cada brasileiro filho de japonês que retorne. Retornaram já 60 mil dos 300 que estão lá. Nós temos que aprender a discutir em profundidade. Vocês têm um conhecimento extremamente importante. A ponta do conhecimento de vocês ficou clara para mim na mesa de abertura. Agora, vocês têm que rasgar a fantasia. Não pode ficar escondendo. Não se pode dizer que está errado, mas está indo bem. Se está indo bem o erro é bom. É o raciocínio estratégico mais elementar. Está se queixando de que? O país não está indo bem? Não está com uma ótima política social? Não está crescendo? Não vai ser potência? Esse era o discurso do Geisel. O Brasil ia ser uma grande potência. Nós estamos repetindo esse tipo de discurso agora. Tem que mostrar com clareza que o que o Brasil tem feito é uma bobagem com relação à potencialidade brasileira. Muito obrigado e boa sorte.